



JOHN VENTIMIGLIA BRUNO DE ALMEIDA MICHAEL IMPERIOLI

"Modestamente...", dita Vittorio Gassman a propósito desta suave troca de olhares captada durante a rodagem de *On the Run* (1999). A primeira longa-metragem de Bruno de Almeida é antes de mais um exercício de composição tragicômica, uma viagem melancólica por entre o reencontro de dois destinos, duas almas perdidas que cruzam a noite nova-orquina. Por isso mesmo, o seu humor doce-amargo é tão evocativo de *Il Sorpasso* (1962). Se o road movie de Dino Risi encontrava em Gassman e Jean-Louis Trintignant os actores com a substância necessária para habitar a sua deriva, *On the Run* liberta-se generosamente de enredos enveloados para dar espaço ao jogo yin-yang, feito de complicações reais e fingidas, dos seus intérpretes: Michael Imperioli e John Ventimiglia. Resolutamente independentes, orgulhosos da sua ascendência italiana e da sua terra-natal – o Bronx – nada os poderia separar mas nos respectivos jogos dramáticos. Imperioli faz da colocação da voz a razão da sua força tranquila, Ventimiglia, em contrapartida, não consegue parar quieto; o corpo é gíngão e os olhos bamboaleantes. A uni-los, um trajecto por algum do cinema americano onde o autor ainda é soberano (Martin Scorsese, Abel Ferrara, Spike Lee) e a participação em *The Sopranos*, série televisiva que acompanha a vida agitada de uma família mafiosa instalada em New Jersey. A uni-los ainda a vontade de continuar a encantar o cinema como território mítico onde os nosos imaginários se fazem e desfazem.

Terá sido essa militância que os aproximou de Bruno de Almeida, português radicado em Nova York há 15 anos, com passagens prévias pelo universo da música que se ouve, entre outros lugares, na Knitting Factory. A partilha de amores onílios e um argumento de Joe Minnion, que também assinou para Scorsese o script de *New York Afterhours*, foram suficientes para dar início à sua generosa

odisseia de *On the Run*. Apesar do seu magro orçamento e dos constrangimentos da produção, o filme parece dar-se ao luxo de ter todo o tempo do mundo para as imprevistas ocorrências de uma rodagem, para que as estranhas químicas dos seus actores pudessem despontar naquela "hora mágica" que a câmara regista. E assim somos apresentados a Albert de Santos, um introspectivo agente turístico, e a Louie Salazar, personagem infatigável que não resiste a "libertar-se" da penitenciaría para reencontrar, uma vez mais, a sua única amada: Nova York. Nesta fábula úrbana, nocturna e em fuga, Louie já não consegue reconhecer a cidade de vielas sujas e encontros fortuitos, levemente arriscados, que *deixara*. Em vez disso, perde-se num parque temático convenientemente higienizado para consumo turístico, sem lugar para ele: "You can't go home again", como dita Nicholas Ray.

O ajuste de contas será talvez feito, por interposta pessoa, no próximo projecto de Bruno de Almeida, *Beneath the Underdog*, a história de quatro sujeitos "abaxio de cão" contratados para assassinar o mayor Rudolph Giuliani. Imperioli e Ventimiglia serão, claro, dois desses *not-so-beautiful losers*, na continuidade de um trabalho de colaboração que também se estende à narração, pelo último, do documentário *The Art of Amália* e à participação de ambos nos DV Workshops, pequeno laboratório de curtas-metragens feito exclusivamente para a internet ([www.arcolfilms.com](http://www.arcolfilms.com)). Estes e outros projectos são discutidos e compartilhados algures num canto escondido entre o Soho e Tribeca, no interior de um bar centenário que não autoriza telemóveis e onde se disputam intensas partidas de xadrez. O registo é de solidariedade criativa, única forma de sobreviver com paixão ao establishment cinematográfico imperialmente instalado na Costa Oeste. Esta é afinal a estranha forma de vida, "modestamente...", de três jovens cavalheiros da grande metrópole. ●